

“REDES SOCIAIS E SOCIOLINGÜÍSTICA HISTÓRICA”: VARIAÇÃO DOS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA EM CARTAS (1956-1994)

“SOCIAL NETWORKS AND HISTORICAL SOCIOLINGUISTICS”:
VARIATION IN SECOND-PERSON PRONOUNS IN LETTERS (1956-1994)

Célia Lopes | [Lattes](#) | celiar.s.lopes@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Janine da Silva Barbosa | [Lattes](#) | janinebarbosa@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

João Pedro de Carvalho Gonçalves da Silva | [Lattes](#) | joaopedrocarvalho@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Mariana da Silva Soares | [Lattes](#) | marianasoares@letras.ufrj.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo: O objetivo do estudo é analisar se a difusão das formas de *você* já estava consolidada na segunda metade do século XX, como mostrou Souza (2012), em cartas do Rio de Janeiro. A amostra é composta por 129 cartas escritas no período de 1956-1994 e trocadas entre membros de uma família, cuja filha passou a viver em Paris. O estudo se baseia nos pressupostos teóricos da *Sociolinguística Histórica* (Conde Silvestre, 2007), da teoria do *Poder e Solidariedade* (Brown e Gilman, 1960) e incorpora o conceito de *Redes Sociais* na explicação da mudança em sincronias passadas (Bergs, 2005). Os resultados mostraram que o padrão canônico *tu-te-ti-contigo*, mais conservador, ficou patente nas cartas da matriarca da família (E) que participava de redes sociais mais densas. As formas também uniformes *você-o-lhe-com você* prevaleceram nas cartas do pai (W), atuante em redes um pouco menos densas do que a esposa. Diferentemente dos pais, a filha (A), uma “cidadã do mundo” e pertencente a redes sociais bastantes difusas e abertas, adota o *padrão híbrido* (*você-te-com você*) vigente na fala do Rio de Janeiro atualmente.

Palavras-chave: Redes sociais; Formas de tratamento; Cartas cariocas.

Abstract: The aim of the study is to analyze whether the diffusion of the forms of “você” (you) was already consolidated in the second half of the 20th century, as shown by Souza (2012), in letters from Rio de Janeiro. The sample consists of 129 letters from 1956-1994 exchanged between members of a family, whose daughter moved to live in Paris. The study is based on the theoretical assumptions of Historical Sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007), the theory of Power and Solidarity (Brown and Gilman, 1960), and incorporates the concept of Social Networks in explaining change in past synchronies (Bergs 2005). The results showed that the *canonical pattern* *tu-te-ti-contigo*, more conservative, was evident in the letters of the family’s matriarch (E) who participated in denser social networks. The also uniform forms *você-o-lhe-com você* prevailed in the father’s (W) letters, who was involved in networks somewhat less dense than his wife. Unlike the parents, the daughter (A), a “citizen of the world” and belonging to quite diffuse and open networks, adopts the *hybrid pattern* (*você-te-com você*) currently prevailing in Rio de Janeiro’s speech.

Keywords: Social networks. Address forms. Rio de Janeiro letters.

1 Introdução

O objetivo inicial do estudo é analisar se a difusão das formas do paradigma de *você* no lugar das formas de *tu*, como apontou Souza (2012), já estava consolidada na segunda metade do século XX. Para tanto, foram analisadas 129 cartas de uma família brasileira, denominada apenas de FB para a garantia da anonimidade dos remetentes. As cartas foram produzidas entre 1956-1994 e o eixo Rio de Janeiro-Paris-Rio de Janeiro é o principal ponto de referência dessas cartas trocadas entre familiares, em particular, as enviadas dos pais para a filha que residia fora do país.

A escolha de materiais produzidos especificamente na segunda metade do século XX se justifica pelo fato de buscarmos confirmar os resultados de Souza (2012). A autora assinala que a implementação, no Rio de Janeiro, de *você-sujeito* como um efetivo pronome de segunda pessoa (2SG) se deu a partir de 1940. Antes disso, Souza (2012) detecta duas fases de transição com distintos comportamentos. A primeira fase corresponderia ao período de 1870-1900 em que *tu* se sobrepunha a *você* nas cartas estudadas pela autora. Em um segundo momento, entre 1901-1939, a autora observa uma coexistência acirrada entre as duas formas variantes. Só a partir de 1940 é que as frequências de *você* suplantam significativamente o emprego de *tu* e a forma inovadora de segunda pessoa

(*você*) se estabelece nas cartas pessoais estudadas em quase todas as relações estabelecidas entre remetente-destinatário (simétricas e assimétricas).

A análise de Souza (2012) é nosso ponto de partida, mas é preciso considerar que a autora analisou um conjunto reduzido de cartas da segunda metade do século XX, o que pode fragilizar, de certa forma, suas conclusões. No estudo proposto aqui, incorporamos materiais novos editados pela equipe do projeto *HistLing – Corpus Histórico da Língua Portuguesa*: as cartas da família FB, cujos remetentes não são pessoas conhecidas. Por essa razão, outro intuito do trabalho é recuperar a história social dessa família a partir de pistas textuais das próprias fontes documentais sob análise e correlacionar esses aspectos histórico-sociais com o comportamento linguístico adotado.

Para dar conta desse outro objetivo, estamos levando em conta, em termos teóricos, os pressupostos da *Sociolinguística Histórica* (Conde Silvestre, 2007) e da teoria do *Poder e Solidariedade* (Brown; Gilman, 1960). Dá-se destaque ainda à discussão da pertinência do conceito de Redes Sociais para explicação da mudança em sincronias passadas (Bergs, 2005). Em termos metodológicos, será utilizada a ferramenta estatística GOLDVARB-X para a quantificação dos dados variantes de segunda pessoa do singular em suas diferentes funções: nominativa (ou sujeito) (*tu/você*); acusativa (*te~você~lhe~o/a*), dativa (*te~lhe~para/a você/ti*), oblíqua (prep. *você~ prep. ti/contigo*) e genitivo (*teu~seu*).

Além de confirmar a hipótese de Souza (2012) sobre a implementação de *você* nas relações mais pessoais a partir da segunda metade do século XX, buscamos nessa investigação trazer alguns problemas gerais e específicos sobre o tema.

Em termos mais amplos, as perguntas a serem respondidas são: (i) De que maneira a reconstrução da história social de uma família desconhecida, a partir de sua produção escrita, ajuda a compreender os seus usos linguísticos? (ii) O comportamento linguístico mais ou menos inovador dos membros da família FB está relacionado às redes sociais (mais ou menos) densas e abertas das quais cada um participava?

Em termos especificamente linguísticos, nossas questões são: (iii) As formas do paradigma pronominal “híbrido/misto” de 2SG (*você~tu*), descritas em Lopes *et al.* (2018) para o Rio de Janeiro, se fazem notar na amostra e no período em análise? (iv) Que paradigmas de segunda pessoa são mais produtivos entre os remetentes de uma família abastada da sociedade carioca de fins do século XX: *paradigmas canônicos*, tais como *tu-te-ti-contigo-teu; você-o/a-lhe-com você-seu*; ou *paradigmas híbridos* do tipo *você(~tu)-te-com você-seu/teu*?

O artigo está assim estruturado. Além dessa introdução, na seção 2 situamos brevemente o estado da questão a partir de estudos sobre o comportamento de *você* e *tu* em

cartas do Rio de Janeiro produzidas no decorrer do século XX. A seção 3 traz os postulados teóricos adotados e a descrição da amostra. Na seção 4, são apresentados os resultados obtidos que foram organizados da seguinte maneira: primeiramente, descrevemos a distribuição das formas de segunda pessoa em suas diferentes realizações sintáticas já listadas; na sequência, discutimos os resultados das formas de 2SG na posição de sujeito, observando as relações de *Poder* e *Solidariedade*. Por fim, tentaremos interpretar os resultados obtidos a partir das Redes Sociais do pai-mãe-filha (re)construídas a partir de pistas textuais detectadas no material em análise. As conclusões constam da seção 5 que é seguida pelas referências utilizadas.

2 O estado da arte: a difusão de *você* em cartas escritas no Rio de Janeiro (1870-1979)

Os trabalhos de Souza (2012) e de Lopes e Souza (2018) descreveram a distribuição de *você* e *tu* na posição de sujeito em 366 cartas produzidas por diferentes grupos de famílias que viviam no Rio de Janeiro entre 1870 e 1979. Esses estudos analisaram 1525 dados com uma distribuição geral equilibrada (763 dados de *você* e 762 de *tu*) como sujeito pleno ou nulo. A diferença de comportamento das formas variantes de 2SG identificada ao longo de 100 anos foi interpretada pelas autoras como etapas de um percurso de mudança. Em um primeiro momento, nos idos de 1870 até a virada do século XIX, o pronome *tu* era mais produtivo que a forma *você*. Em uma segunda fase, que vai do início do século XX até 1939, as duas formas coexistem com frequências aproximadas (em torno dos 50%), o que se altera a partir dos anos 1940, quando *você* se torna majoritário, atingindo quase 100% de frequência em 1979.

Além do panorama geral das formas variantes, os estudos mencionados analisaram como as relações de Poder e Solidariedade (cf. Brown e Gilman, 1960)¹ e o grau de parentesco do remetente-destinatário podem ter influenciado nessa distribuição diferenciada ao longo do tempo.

Segundo a interpretação de Lopes e Souza (2018), o pronome *você* ainda funcionava, nas cartas oitocentistas, como estratégia de poder nas relações *assimétricas ascendentes* (inferior-superior), por não ter perdido completamente os traços de respeito e distân-

¹ Com variação de estratégias linguísticas de língua para língua, mas usando o francês como referência, os autores mostram que, em relações de maior intimidade, solidariedade e proximidade, haveria o favorecimento de *tu* (T), enquanto as relações de menor intimidade e de maior poder entre os participantes favoreceriam o emprego do tratamento menos solidário *vous* (V). Em princípio, no português do século XIX e início do XX, a oposição seria entre *tu* e *você* (ou formas de base nominal como *o senhor*), mas nas sociedades contemporâneas essa dicotomia tem se tornado mais fluida e menos marcada.

cia social do tratamento abstrato *Vossa Mercê* (Koch, 2008). No decorrer do século XX, contudo, a variante *você* foi deixando de ser uma estratégia de tratamento que marcava *poder* e passou a funcionar no eixo da *solidariedade*. Tal comportamento acompanhou a dinâmica das sociedades contemporâneas que seriam mais abertas e igualitárias do que se observara no Brasil Colônia.

Os resultados obtidos mostraram ainda que o gênero e a idade do missivista também foram fatores atuantes quando correlacionados ao grau de parentesco nas *relações ascendentes* (inferior-superior). Os estudos identificaram menor frequência de *você* nas cartas trocadas entre filho-pai (8%) e seu emprego categórico quando o destinatário era uma mulher mais velha, como uma tia ou mãe. Nos dados do início do século XX, o uso de *tu* não era comum nesse contexto assimétrico para mulheres. As autoras defendem que era mais comum o emprego de *você* ou uma forma mais distante, como *a senhora*, na escrita feminina.

Nas *relações assimétricas descendentes* (superior-inferior), por sua vez, a presença de *tu* seria a forma esperada, principalmente nas cartas de remetentes com maior *poder* como é caso de homens mais velhos em sociedades patriarcais. No estudo com cartas do Rio de Janeiro, os índices de frequência para *você* aumentaram (de 22%, em fins do XIX, para 38%, no início do XX), embora o emprego de *tu* ainda fosse mais produtivo. Nesse tipo de relação (descendente), o gênero do remetente também se mostrou relevante. Nas relações entre homens (pai-filho e avô-neto), prevaleceu o *tu*, ao passo que houve o predomínio de *você* quando o remetente era uma mulher (mãe-filho, tia-sobrinho).

Nas *relações simétricas*, as autoras observaram uma difusão gradativa da forma inovadora *você* no lugar de *tu* nas relações igualitárias, principalmente a partir das cartas escritas por amigos depois de 1930. A frequência de *você* era de 16% em 1870-1899, 75% em 1900-1939 e 99% em 1940-1979. Também aqui se identificou um comportamento distinto entre homens e mulheres. Nas cartas entre casais, os homens utilizavam *tu* e as mulheres, *você*. Nas cartas trocadas entre irmãs, os índices de *você* atingem 63%, entre 1900-1939, enquanto os irmãos apresentam 40% de frequência na mesma fase. Aqui também os remetentes masculinos usaram, ao longo do tempo, mais *tu* do que as remetentes femininas.

Por fim, falta-nos abordar brevemente o comportamento das formas variantes de 2SG nas demais funções sintáticas, além da função nominativa (sujeito). Os estudos de Oliveira (2014), Souza (2014) e Lopes, Marcotulio e Oliveira (2020) mostraram que a difusão de *você* não se deu na mesma velocidade nas funções de complemento acusativo

e dativo. Nesses casos, houve uma retenção de formas do paradigma de *tu* e o clítico *te* se manteve produtivo independentemente da forma que ocupa a posição de sujeito (*você* ou *tu*). Em cartas exclusivas de sujeito *tu* e em cartas em que coexistem os pronomes *tu* e *você* na posição de sujeito, por exemplo, o clítico *te* apresentou produtividade de 70% das ocorrências ou mais. Mesmo nas cartas em que o pronome *você* é exclusivo na posição de sujeito, a taxa de uso do dativo *te* é superior às demais formas variantes seja na função de acusativo (*te, o/a, lhe, você*), seja na de dativo (*te, lhe, para/a você, objeto nulo*). Na função oblíqua (*preposição + ti* ou *+ você*), predominam as formas de *você* e na função genitiva (*teu* e *seu*), o possessivo *teu* prevaleceu nas cartas cariocas estudadas (cf. Lopes *et al.*, 2018).

No estudo aqui proposto, pretende-se confirmar, principalmente, os resultados relativos à posição de sujeito que sinalizam para uma perda gradativa do uso de *tu* e o espraçamento do inovador *você* nos diferentes tipos de relação (simétricas e assimétricas), principalmente a partir de 1940. Tal marco histórico nos motivou a incorporar uma amostra mais representativa de cartas da segunda metade do século XX, como é o caso das cartas da família FB. O objetivo é confirmar se houve realmente a generalização e consequente *polifuncionalidade*² de *você* como uma estratégia neutra para qualquer situação/relação. O controle das outras funções sintáticas não é o foco central do estudo, mas objetiva verificar se as cartas estudadas apresentam *paradigmas canônicos* do tipo *tu-te-ti-contigo-teu*; *você-o-lhe-com você-seu* ou os novos *paradigmas híbridos* de 2SG vigentes no Rio de Janeiro atual: *você~tu-te-com você-teu~seu*.

3 Base teórica e descrição geral da amostra

3.1 A Sociolinguística Histórica e o conceito de *redes sociais*

Os estudos no âmbito da Linguística Histórica (LH) procuram explicar as condições gerais da evolução linguística ao longo do tempo (Conde Silvestre, 2007). Para compreender como as línguas mudam, a LH costuma analisar e comparar manifestações textuais de épocas diferentes do passado com vistas a compreender os fatores que determinam a mudança linguística de maneira universal. Nem sempre, entretanto, as análises calcadas na LH dão conta da sociedade em que as mudanças linguísticas ocorreram, foco central da Sociolinguística Histórica (SH) (cf. Nevalainen, 2015). Esta última, além de se

² A depender do momento histórico, *você* pode funcionar para marcar algum distanciamento, herança da forma original *Vossa Mercê* e, mais recentemente, como variante de *o senhor/a senhora*, mas é possível identificar tal forma em contextos mais íntimos como uma variante de *tu*. Há contextos em que *você* funciona inclusive como uma estratégia de esquiva ou neutra, quando não se tem certeza da proximidade entre os interlocutores.

ocupar dos princípios gerais da teoria da mudança (objeto da LH), aplica as premissas da Sociolinguística Laboviana (SL) para o estudo e interpretação dos materiais históricos, correlacionando fatores linguísticos e sociais (Gimeno, 1983).

O maior dilema para a reconstrução histórica de uma língua é a natureza da fonte documental que serve de base para os estudos de mudança. Os materiais escritos do passado são esparsos, fragmentários e pouco representativos das comunidades pretéritas (Conde Silvestre, 2007). A documentação escrita fornece dados parciais pertencentes muitas vezes a uma parcela restrita da comunidade, constituída basicamente por alfabetizados que, a depender da época, eram prioritariamente homens de *status* mais alto, restringindo-se a certos estilos e registros.

No Brasil, capitaneados por Ataliba de Castilho (nosso homenageado), investigadores de diversas universidades brasileiras iniciaram, a partir da década de 1990, as pesquisas linguístico-históricas sobre o português *no/do* Brasil. O foco principal do mentor do projeto nacional *Para uma História do Português Brasileiro – PHPB* é reconstruir uma história social linguística do Brasil a partir da descoberta e da análise linguística de documentos não-literários do nosso passado.

De lá para cá, muito se avançou na pesquisa nessa área tanto em termos descritivos quanto em termos teóricos. A Sociolinguística Histórica é uma vertente de investigação que ganhou força, refinando os métodos e ferramentas da Sociolinguística de base laboviana para apreender a variação a partir dos textos escritos do passado (Hernández-Campoy; Conde Silvestre, 2012). Defende-se, como Bergs (2005, p. 21), que a SH é uma “subdisciplina com potencial próprio, que deve desenvolver seus próprios objetivos, metodologias e teorias, divorciadas da sociolinguística atual, por um lado, e da linguística histórica, por outro.”

Obviamente, há pontos coincidentes entre a SL e a SH, pois ambas partem de três premissas fundamentais: (i) a observação da *heterogeneidade ordenada*, uma vez que consideram que as línguas não se constituem como uma realidade homogênea e estão em constante processo de variação e mudança sob restrições estruturais e sociais; (ii) o reconhecimento de que toda mudança emerge da variação linguística e (iii) a atuação das variáveis linguísticas é depreendida a partir da análise de *corpora* reais de uso e representativos de uma comunidade.

Entretanto, por lidar apenas com materiais escritos parciais e limitados que sobre-

viveram por sorte, a SH nem sempre tem a seu dispor um *corpus* histórico representativo de uma dada comunidade do passado. É preciso que o investigador esteja consciente dos entraves que enfrentará e para os quais deverá propor soluções e uma metodologia adequada, pois nem sempre se dispõe, por exemplo, de uma variedade de estilos e registros. As amostras são naturalmente enviesadas e os dados do passado são “meros restos de *corpus* textuais muitíssimo mais amplos” e “dificilmente vinculáveis à produção real de seus falantes” (Conde Silvestre, 2007, p. 35-36). O controle de fatores externos, como faixa etária, sexo, nível de escolaridade, classe social, entre outros, será lacunar e o investigador poderá recuperar outros dados sociais relevantes a partir de pistas textuais, como pretendemos mostrar nesse estudo.

Para minimizar esses problemas, tem sido bastante eficaz incorporar aos preceitos da Sociolinguística Histórica o conceito de *redes sociais*, discutido desde J. Milroy e L. Milroy 1992, na perspectiva adotada por Bergs (2005) para dados do passado. O conceito de rede prevê diferentes padrões estruturais organizados a partir da sua *densidade* e dos *laços* que podem influenciar no comportamento de seus membros individuais nos processos de difusão de mudanças linguísticas. Se essa proposta é pertinente para o presente, certamente falantes/escreventes do passado também participariam de diferentes estruturas de rede que poderiam influenciar no desenvolvimento de algumas mudanças historicamente comprovadas. A identificação do pertencimento a redes sociais mais ou menos abertas pode ser mais eficaz do que a recuperação de determinados fatores estáveis relacionados ao falante, como idade, classe e educação. Os falantes/escreventes estabelecem contatos (*rede social pessoal*) com outras pessoas na comunidade em que vivem (cf. Milroy 1992). As redes não são entidades fixas e estáveis, mas agregados de relacionamentos relativamente flexíveis pelo número de contatos entre os seus membros e pela qualidade desses contatos na comunidade.

Como não dispomos de informações precisas da biografia dos autores das cartas da família FB a serem analisadas, propomos reconstruir a história social da família à luz da Sociolinguística Histórica, incorporando premissas do conceito de redes sociais que serão discutidas em 4.3.

3.2 A história social da família em análise: o perfil dos autores

O *corpus* é constituído por 128 cartas de uma família brasileira, identificada aqui apenas como FB para garantir a anonimidade de seus membros. Os atores centrais que

escreveram a maior parte das cartas são o pai (W), a mãe (E) e a filha (A). Eles viviam em Copacabana, no Rio de Janeiro, até que a filha vai estudar em Paris e lá se estabelece. As cartas, escritas entre 1956 e 1994, retrataram prioritariamente esse período do afastamento da filha (A), mas há outros remetentes que compõem a amostra: a mãe de (W), os seus irmãos e os sobrinhos que viviam em Belém do Pará.

Embora não tenhamos certeza do local de nascimento dos remetentes, é provável que a filha (A) seja mesmo natural do Rio de Janeiro, pois ela diz, em dado momento, “sou realmente carioca demais para poder passar mais de 3 meses sem escutar o barulho do mar e sentir o sol no meu corpo” (carta 55 FB 25-04-1975). Os pais nasceram no primeiro quartel do século XX e a filha possivelmente nasceu depois de 1940. O pai (W) tinha uma alta patente militar³, mas foi preso e julgado pelo Supremo Tribunal Militar⁴, em 1965.

A mãe de A, identificada como (E), era católica praticante. Além de expressar textualmente sua fé, menciona sempre as suas idas à missa e a saudade que tem de suas amigas de paróquia quando passa uma temporada com a filha (A) em Paris por ocasião do nascimento de suas duas netas. De lá, escreve a seu marido se queixando do frio, do comportamento um tanto arrogante da filha, das idas à missa, do fato de não saber francês e da vontade de retornar ao Brasil.

As cartas retratam bem o período em que a filha (A) viveu na França. Ela se muda para a capital francesa nos anos de 1970 com o intuito de estudar. Começa a cursar um “Doctorat d’Etat” (Carta 23-FB-25/10/1971), mas assume alguns empregos informais, ora fazendo figuração em alguns filmes, ora como auxiliar de produção. Nesse contexto, a filha (A) se casa com um cineasta francês (D) e tem duas filhas (G e M), na cidade onde passou a viver. Sua primeira carta aos pais foi escrita em 1970 e a última em 1994, assim a amostra FB permite que se realize um estudo do comportamento de uma mulher nascida no Rio de Janeiro (*Panel Study*) ao longo de sua juventude e da vida adulta, pois são 20 anos de escrita da mesma pessoa (cf. Rumeu, 2008; Rumeu; Callou, 2021).

Na sequência, serão apresentados os resultados quantitativos gerais.

³ Carta 05 de 13-09-1962, a mãe de W diz “ainda devia estar vivo o teu pai para fazer parte da minha alegria, se quando ele recebeu notícia tinhas recebido a divisa de Cabo ele ficou convencido, já mais agora vendo o nosso filho ocupar uma alta patente como estás ocupando mas Deus não quis”

⁴ O irmão faz menção ao acontecido na carta 10 de 20/11/1965. Na carta 12 de 16-01-1966, uma prima fala da sua prisão.

4 Análise geral dos resultados das cartas da família FB: 2a metade do século XX

4.1 Distribuição geral dos dados quantificados

No total foram levantados 532 dados nas 129 cartas da família FB, como se observa na tabela a seguir. As formas de referência ao interlocutor levantadas foram organizadas a partir do paradigma ao qual pertenciam. Assim temos, por exemplo, formas do paradigma de *você* em suas diferentes funções, ou seja, como sujeito (*você*), como acusativo (*você, lhe, o/a*), como dativo (*a/para você, lhe*), como oblíquo (*preposição + você*), como possessivo (*seu/sua*). No paradigma de *tu*, as variantes seriam *tu* ou verbo com desinência 2ª pessoa, *te* como acusativo, *para/a ti* como dativo, *preposição + ti* e *contigo* como oblíquo e *teu/tua* como possessivo. As formas dos outros paradigmas seguem a mesma lógica dos que foram mencionados. Os resultados estão na tabela 1:

Tabela 1: Distribuição geral dos dados de 2SG nas cartas da família FB por função

FUNÇÕES	FORMAS LEVANTADAS NA AMOSTRA A PARTIR DOS PARADIGMAS DE VOCÊ, TUE O SENHOR			
	Você	Tu	O senhor	Terceira pessoa (sem referência)
Sujeito	111/243 46%	120/243 49%	6/243 2,5%	6/243 2,5%
Acusativo	16/43 37,2%	27/43 62,8%	-	-
Dativo	24/69 34,8%	39/69 56,5%	1/69 1,4%	5/69 7,2%
Oblíquo	27/44 61,4%	15/44 34,1%	2/44 4,5%	-
Possessivo	55/133 41,4%	73/133 54,9%	-	5/133 3,8%
Total	233/532 43,8%	274/532 51,5%	9/532 1,7%	16/532 3%

Fonte: Levantamento feito pelos próprios autores.

Como era de se esperar em um conjunto de cartas familiares mais pessoais, as formas do paradigma de *você* e *tu* apresentaram frequências bastante próximas com leve predomínio de *tu* (51,5%) sobre *você* (43,8%) no cômputo geral. As outras estratégias foram bastante marginais na amostra e não atingiram 5% de uso: 3% para o verbo na terceira pessoa sem referência explícita no contexto da carta e 1,7% para o tratamento mais distante *o/a senhor/a*.

A predominância de formas de *tu* na amostra era, de certa forma, esperada para as funções acusativas (62,8%) e dativas (56,5%) nesse *corpus* de cartas do Rio de Janeiro, como bem mostraram os trabalhos de Souza (2014) e Oliveira (2014). Esses estudos já demonstraram que houve retenção do clítico *te* mesmo quando o falante ou escrevente emprega *você* na posição de sujeito, em construções do tipo *você quer que te* (DAT) *dê o livro* ou *você disse que te* (ACUS) *vi*. Entretanto, chama atenção, nos resultados da amostra de cartas do Rio de Janeiro em análise, a maior produtividade do sujeito *tu* (49%) em relação ao sujeito *você* (46%) em cartas da segunda metade do século XX. Nesse período, como já mostrou Souza (2012), a forma pronominal *você* já teria suplantado o emprego de *tu* em cartas produzidas na maior parte do Brasil, principalmente no Rio de Janeiro e, desse modo, esperava-se que a difusão de *você* na posição de sujeito estivesse consolidada como previsto em nossas hipóteses descritas na seção 2.

4.2 As formas de 2SG na posição de sujeito e as relações sociais de Poder e Solidariedade

Para compreender por que os resultados foram um tanto destoantes do que fora apontado por Souza (2012), buscou-se identificar possíveis motivações sociais que ajudariam a explicar o comportamento encontrado nessas cartas da família FB. Para tanto, analisamos os fatores tradicionalmente utilizados nos estudos sobre formas de tratamento, controlando o tipo de relação social estabelecida entre remetente e destinatário a partir do modelo clássico de Poder e Solidariedade (Brown e Gilman, 1960). Atrelado a isso, observamos o grau de parentesco estabelecido entre remetente e destinatário e, em um segundo momento, recuperamos as redes sociais das quais os principais agentes participavam. O objetivo é tentar responder às novas perguntas:

- i. Por que essas cartas da segunda metade do século XX ainda apresentam tantos dados de *tu* como sujeito?
- ii. Essa alta frequência de *tu* permeia todas as cartas da família ou está circunscrita a alguns remetentes mais velhos?
- iii. Afinal, quem são os remetentes que ainda empregam *tu* nessas cartas mais recentes (da segunda metade do século XX) e em que relações?

Desse modo, na tabela 2 são apresentados os resultados das formas de tratamento empregadas somente na posição de sujeito para responder essas questões. O grau de parentesco entre os escreventes foi agrupado por relações simétricas, assimétricas descendentes (superior-inferior) e assimétricas ascendentes (inferior-superior) para verificarmos se as relações de poder atuaram nesses resultados:

Tabela 2: Distribuição das formas de 2SG nas cartas da família FB por tipo de relação e parentesco

RELAÇÕES	PARENTESCO	FORMA CONCRETA REALIZADA NA POSIÇÃO DE SUJEITO			
		Você	Tu	Senhor	Terceira pessoa
Simétricas	Marido-Mulher	28/30 – 93.3%	2/30 – 6.7%	-	-
	Mulher-Marido	9/81 – 11.1%	72/81 – 88.9%	-	-
	Irmãos	-	28/28 – 100%	-	-
	Primos	-	-	-	2/2 – 100%
	Amigos	6/7 – 85.7%	1/7 – 14.3%	-	-
Assimétricas descendentes (superior-inferior)	Mãe-Filho	-	14/14 – 100%	-	-
	Pais-Filho(a)	39/40 – 97.5%	1/40 – 2.5%	-	-
Assimétricas ascendentes (inferior-superior)	Filha-Pai	12/15 – 80%	-	1/15 – 6.7%	2/15 – 13.3%
	Filha-Mãe	16/18 – 88.9%	2/18 – 11.1%	-	-
	Sobrinho-Tio	-	-	-	2/2 – 100%
	Sobrinho-Tia	-	-	3/3 – 100%	-
	Neto-Avô	1/3 – 33.3%	-	2/3 – 66.7%	-

Fonte: Levantamento feito pelos próprios autores.

Nas relações simétricas, estudos anteriores defendem que o *tu* predominaria nas relações mais íntimas entre casais, principalmente na escrita masculina, como mostrou o estudo de Souza (2012) para o fim do século XIX e início do XX. As esposas empregavam mais o *você* no trato com os seus esposos por um vestígio de respeito que essa forma trouxe do *Vossa Mercê* do século XIX. No *corpus* da família FB em análise, o principal casal da família (E-esposa e W-marido) apresentou, entretanto, um comportamento completamente inesperado quanto ao uso das variantes de 2SG. Enquanto o marido empregava mais *você* (93,3%), a esposa utilizou *tu* em 88,9% dos casos. Os outros remetentes que se enquadram nas relações simétricas, como os irmãos e amigos, seguem o que estava previsto nas hipóteses formuladas a partir de estudos anteriores. Entre irmãos, principalmente homens, prevaleceu o *tu* de intimidade com 100% de frequência e, entre amigos, houve maior uso de *você*, com 85,7%.

Quando analisamos as relações assimétricas, quer as descendentes quer as ascendentes, fica nítido que outros fatores externos, como as relações de Poder e Solidariedade, devem ser considerados para que se compreenda as escolhas tratamentais da família FB.

Nas relações assimétricas ascendentes observadas no *corpus*, houve maior uso de *tu* nas cartas de mãe-filho/a (100%) e maior emprego de *você* nas cartas de pai-filho/a

(97,5%). Esses resultados são interessantes, porque reiteram a mesma polarização entre *tu* e *você* identificada nas relações simétricas entre casais. Esses indivíduos, no caso (E) e (W), mantiveram o mesmo comportamento linguístico quanto às formas de tratamento empregadas em suas cartas, ou seja, a remetente feminina (E) emprega *tu* enquanto o remetente masculino (W) usa preferencialmente *você* independentemente da relação de poder estabelecida entre eles e seus destinatários.

Aparentemente, a filha (A) também mantém o mesmo comportamento. Ela emprega prioritariamente *você*, seja escrevendo ao pai W (80%) ou à mãe E (88,9%), nas relações ascendentes. Os outros autores das cartas que estabelecem com seus destinatários relações assimétricas ascendentes, entretanto, seguem os modelos previstos para o tipo de relação controlado, empregando formas de distanciamento social como *o/a senhor/a*, nas cartas trocadas entre neto-avô (67,7%) e sobrinho-tia (100%), ou formas não-marcadas (terceira pessoa), nas cartas de sobrinho-tio (100%).

4.3 Interpretação dos resultados gerais à luz das redes sociais

O controle das relações de Poder e Solidariedade, com base nos parentescos, além de confirmar algumas de nossas hipóteses sobre o avanço de *você* em relações pessoais mais íntimas a partir da segunda metade do século XX, evidenciou comportamentos individuais de alguns remetentes, principalmente da remetente mais velha (E). O conservador *tu* presente, de maneira inusitada, nas cartas de (E), seja naquelas destinadas ao marido (W) seja nas cartas à filha (A), além de destoar do comportamento dos demais membros da família e da sociedade de então, suscita algumas questões a serem respondidas a partir dos postulados da SH aliado ao conceito de redes sociais:

- i. Por que no círculo familiar pai-mãe-filha só uma remetente, a esposa-mãe (E), ainda emprega *tu* em suas cartas? Seria um uso relacionado a um comportamento de uma pessoa mais velha nascida provavelmente no início do século XX? Tal uso estaria relacionado à faixa etária da remetente? Se a resposta for positiva, por que seu marido, de idade equivalente, emprega majoritariamente *você* e não *tu*?
- ii. Que aspectos podem ajudar a compreender esses resultados da remetente (E) que apresentou um comportamento divergente das mulheres adultas da época, difusoras da forma *você*, como mostrou Souza (2012)?
- iii. Como a identificação do perfil social dos autores dessas cartas e das redes sociais das quais participavam podem elucidar tais questões?

É fato que não dispomos de informações precisas sobre a posição e as características sociais desses autores desconhecidos, que foram identificados apenas como família FB. Nesse caso, urge recuperar algumas informações textuais do material e reconstruir a história social da família a partir de preceitos peculiares à SH.

Para responder as questões formuladas, retomamos as observações de Bergs (2005) do alcance dos fatores externos (faixa etária, gênero, escolaridade) na interpretação da difusão de uma mudança a partir de fontes pretéritas. No caso em análise, é preciso tentar explicar a diferença de comportamento linguístico da remetente (E) em relação a outros membros do seu círculo familiar, lembrando que os três remetentes participam de diferentes *redes sociais pessoais*, como pretendemos mostrar (cf. Milroy 1992).

Em termos etários, embora não se saiba exatamente a idade da remetente (E), é presumível que ela fosse uma mulher adulta (quase idosa) quando começou a se corresponder com sua filha, em 1970. O seu marido (W) era um militar da Marinha brasileira e suas primeiras cartas são da década de 1960. Os pais pertenciam à elite carioca de sua época. Moravam em um apartamento próprio em Copacabana, tinham outro imóvel no bairro da Tijuca e uma casa de férias em São Lourenço. Os dois compartilhavam de algumas características sociolinguísticas tradicionais, como idade, local de residência e classe social, logo a diferença de comportamento linguístico, no que se refere às escolhas tratamentais (ela com o emprego de *tu* e ele com o uso de *você*), não pode ser atribuída simplesmente à faixa etária, pois ambos certamente deviam ter idades equivalentes.

Ainda que estivessem no mesmo escopo etário, os estilos de vida (as suas redes) eram diferentes. O pai era um militar aposentado, bastante letrado. Sua escrita é mais rebuscada e suas escolhas lexicais são precisas quando escreve à esposa: “*Então, se não há o encanto e alegria de sua presença, há o lenitivo, a terna lembrança de que você pensando nós, bem perto de mim está.*” Embora tenha sido preso no período da Ditadura, (W) foi um comandante de alta patente nas forças armadas. Era um homem viajado e tinha prestígio social por sua atuação militar. Esses fatores podem favorecer o uso de formas inovadoras (não estigmatizadas), pois a mobilidade espacial acaba por propiciar o contato com membros de outras redes sociais e, conseqüentemente, com outras normas de uso que influenciam a sua variedade linguística (cf. Tiekens-Boon Van Ostade 2006).

Em termos do tratamento utilizado, o pai empregava preferencialmente formas de *você* sem “mesclar” com formas do paradigma de *tu*. Em suas cartas, é possível encontrar, por exemplo, o emprego do clítico *-a-* na função acusativa e o *-lhe-* no dativo, ambos se referindo à segunda pessoa e seguindo o *padrão canônico* de uniformidade tratamental *você-o-lhe-com você-seu*, como se vê em (1):

- (1) “Tenho pensado muito em *você* e estou ansioso para voltar e então terei um mundo de carinho para envolvê-la ternamente. (...) Espero, tudo esteja correndo normalmente *com você, sua saúde e também com nossos filhos*”. (Carta do marido W para a esposa E, Rio, 4. 21-10-1960)
- (2) “*Seu sempre, q lhe beija*” (Carta do marido W para a esposa E, Rio, 01-08-1978)

A esposa e mãe (E) tinha um perfil distinto. Era uma dona de casa reservada, cristã devota que vivia em função dos filhos e de sua fé. Suas cartas tratam de questões mais cotidianas do que as cartas de seu marido e trazem aspectos próprios da modalidade falada (maior proximidade comunicativa), nos termos de Koch e Oesterreicher (2007). Seu texto apresenta ideias ou frases enumeradas, pouco planejamento textual, vocabulário simples, presença de operadores discursivos típicos da fala, ausência eventual de sinais de pontuação e palavras com desvios grafofonéticos (*quasi* por *quase*, *faser* por *fazer*, *dis* por *diz*, ilustrados nos exemplos 3 e 4): aspectos esses que evidenciam seu relativo contato com modelos de escrita (cf. Barbosa, 2005):

- (3) “*Olha* vou chegar no Rio dia 20 às 5 da manhã, não vou levar *quasi* nada só alguns perfumes, porque as coisas aqui fedem a alho” (Carta da esposa E para o marido W, Paris 14-03-1980)
- (4) “Ela é muitíssimo malcriada, autoritária e não aceita conselhos se se der mal ela diz que pagará e com juro e correção monetária. Isso não é nosso, o mundo é passagem vamos *faser* a vontade dela ela confia na amiga e no amante da amiga *dis*:” (Carta da esposa E para o marido W, Paris 14-03-1980)

Há dados adicionais que reiteram as dificuldades de (E), por exemplo, com a língua francesa. Em (5), destacamos a passagem em que a mãe (E) comenta como se sente constrangida por sua “ignorância” diante da neta. A sua devoção a Deus, sua religiosidade, pertencimento a grupo de amigas da igreja, idas à missa, estão registradas também em (6):

- (5) “A G. quando se fala em Deus só diz: _ Oui, Oui... e depois nada mais. Ela fala fala francês, mas *eu não entendo nada*, ela até ri da *minha ignorância* e fica falando mais do que ela sabe para me confundir mesmo. É até engraçado (...)” (Carta da esposa E ao marido W, Paris, 14-03-1980)

- (6) “... mas confio no “Senhor e deposito esta criança em *suas Benditas* mãos sei que *Ele fará o que quiser*, digo aqui na terra. W na vida nada somos, como passageiros, pena não possa estar aí perto de ti, como gostaria. Cada dia que passa sinto mais saudades, desejava ir a praia, *ver as minhas amigas que tanto amo, o pessoal da carismática*, tanta coisa me passa pela...” (Carta da esposa E ao marido W, Paris, 20-01 1980)

Esses e outros fragmentos das cartas de (E) ilustram que seu círculo de amizades e as *redes sociais* das quais participava eram mais restritas e densas se comparadas, por exemplo, ao que se observa com seu marido e, principalmente, com sua filha que era uma mulher cosmopolita. A esposa-mãe (E), nascida provavelmente nas primeiras décadas dos noventa, teve acesso às primeiras letras, mas não deve ter avançado tanto nos estudos, como era fato entre as mulheres de sua época. Assim, (E) trouxe para sua escrita formas mais convencionalizadas do século anterior ao empregar de maneira bastante regular e conservadora as formas de *tu*. Há dois aspectos ainda que reiteram esse conservadorismo nas suas escolhas tratamentais. O primeiro deles diz respeito à preservação de formas do mesmo paradigma. Nas funções de complemento acusativo, em (7), e dativo (de 8 a 18), a maioria quase absoluta dos dados (mais de 90% dos casos) de (E) é do clítico *te*. Houve apenas uma ocorrência do dativo “*a você*” em (18):

- (7) “Não *te* cuques nem *te* apoquentes” 102 - 13-01-1980
(8) “Desejo [*te*] escrever pouco, para não *te* dizer o q sinto, porem tenho q escrever, aqui vai a lenga, lenga”. (Paris, 25-03-1977)
(9) “A A. ainda esta dura e forte ontem ela falou 1/2 hora com o At. q. [*te*] explicará” (Paris, 01-01-1980)
(10) “W. eu [*te*] peço assine, faça o q. esta besta quer, se perder fica vêr navios”. (Paris, 13-01-1980)
(11) “o D. eufórico com a vinda do bebê me fasia ou melhor ligou o telefone para [*te*] participar”. (Paris, 27-01-1980)
(12) “hoje estou [*te*] escrevendo são 5 da madrugada e acordei e achei de melhor escrever” (Paris, 27-01-1980)
(13) “Estou [*te*] escrevendo, esta carta, vai por obsequio” (Paris, 04-02-1980)
(14) “Hoje coloquei uma carta no correio para ti e vai essa para [*te*] esclarecer sobre o empréstimo” (Paris, 04-02-1980)

- (15) “se não [*te*] encontrar em casa já sei q. estás fora” (Paris, 04-02-1980)
- (16) “Wa., só [*te*] peço q. não consertes nada antes de eu chegar” (Paris, 13-03-1980)
- (17) “não estou falando sobre o Wi., mas depois [*te*] digo de quem”. (Paris, 13-03-1980)
- (18) “Ela disse que é a única coisa que pediu *a voce* e espera que este negócio seja feito.” (Paris, 13-03-1980)

O segundo aspecto do conservadorismo de (E) está na confusão que a remetente faz com as formas verbais de segunda pessoa. Em suas cartas, a remetente emprega no pretérito perfeito a desinência de segunda pessoa do plural *-stes* no lugar de *-ste*, o que tanto pode evidenciar um uso arcaizante do tratamento *vós* de deferência, quanto a confusão bastante frequente que se faz entre a desinência número-pessoal e a modo-temporal, principalmente no português europeu⁵:

- (19) “Sei que fostes a São Lourenço **bebestes** umas agulhas e **tivestes** tranquilidade.” (Mulher-marido, Paris, 25-07-1980)

Em termos da distinção de gênero, questão (ii), os usos linguísticos da remetente feminina (E) não estão afinados com o que fora observado em documentos de mulheres que escreveram no mesmo período (cf. Souza, 2012, Lopes *et al.*, 2018, entre outros). Nas cartas trocadas entre (E) e sua filha (A), notamos que as duas utilizam estratégias diferentes de tratamento: enquanto (E) sempre trata todos por *tu*, a filha (A) emprega quase categoricamente o *você* nas suas correspondências aos pais, irmão e tios.

Como o “estilo” de vida da filha (A) pode ter influenciado nos usos linguísticos identificados em suas cartas? Diferentemente da mãe e dos irmãos, a filha (A) participava de *redes sociais* bastante amplas e diversificadas. Morou, por um longo tempo, na Cidade Luz, onde levava um estilo de vida extremamente elevado: viajava por toda a Europa, convivia com amigos da alta sociedade, entre eles filhos de embaixadores e outras pessoas de alto nível social. Além de francês, sabia inglês e um pouco de alemão. Lia muito e fazia questão de citar obras e autores nas cartas que escrevia aos pais:

⁵ Como o morfe mais geral de 2SG é o *-s-* e não há desinência específica para o pretérito perfeito, é comum que se associe a marca *-ste-* ao tempo e não à pessoa. Nesse caso é frequente que se interprete *-ste-* como marca do pretérito e se acrescente *-s-* para marcar o singular e não o plural.

- (20) “Divido-me também minhas horas de lazer, outrora gastas com praias (que aqui infelizmente não as tenho) e bavardices(sic) tolas com a riqueza do clássico Stendhal onde o conheço através de um personagem pleno que personalidade chamado Lucien Leuwen e onde já tive o prazer de ler seu clássico Rouge et noir. Bom, prometi a meu médico dormir cedo e já são 2 hrs. É realmente incrível como, qdo se quer fazer muitas coisas, o tempo urge.” (Carta da filha A para os pais W e E, Paris, 02-06-1970)

Além disso, a filha (A) trabalhou em várias atividades diferentes na França e na fase adulta enveredou pela carreira cinematográfica com seu marido (D). Embora estivesse sempre em busca de trabalho na França, não havia grandes preocupações suas com questões financeiras porque ela sabia que poderia contar com uma ajuda de custo dos pais que sempre lhe enviavam dinheiro.

A remetente filha (A) era uma cidadã do mundo e pertencia a redes sociais mais abertas e frouxas. Na esteira de Tiekens-Boon van Ostade (2006, p. 251), pode-se conjecturar que a sua “mobilidade espacial a coloca em contato com outras redes sociais e, portanto, com diferentes normas de fala que podem influenciar sua própria língua e a dos que a cercam”. Em perfis como os da filha (A), a pressão normativa seria mais fraca, pois os laços entre os falantes são menos densos: praticamente uma pessoa conhece muitas pessoas, mas em um único papel social, como afirmam os autores. Nesses casos, há favorecimento para o uso de formas mais inovadoras e a filha (A) se enquadra nesse perfil. Com relação a suas escolhas tratamentais, ela é a única do círculo familiar (pai-mãe-filha) que adota o padrão *híbrido* (*você~tu*) vigente no português falado atual do Rio de Janeiro. Os exemplos (21) e (22) mostram a presença do clítico *te* na função acusativa (*te disser*, *te levará*, *te procuraremos*) ao lado de *você* na posição de sujeito (*você diga*, *quando você chegar*):

- (21) “quando ele te disser *você diga* (não se esqueça) à pessoa que *te* levará a estação que deve ser M. K. (Carta de A para a mãe E, Paris, 23-02-1977)
- (22) “Quando *você* chegar a Paris desça do trem com as malas e fique parada na plataforma nós *te* procuraremos. (Carta de A para a mãe E, Paris, 23-02-1977)

Como se vê nos dados das cartas da filha (A), a forma *você* predominou na posição de sujeito como ocorre nas cartas do seu pai, mas, nas funções acusativas e dativas, a

filha (A) foge do padrão canônico *você-o-lhe-com você* utilizado por ele. Suas cartas já apresentam o novo *paradigma híbrido* de 2SG que é vigente no Rio de Janeiro atual: *você -te-com você*.

5 Considerações finais

Os resultados obtidos são complexos no que diz respeito aos usos linguísticos que caracterizam a comunidade carioca da época, em particular, alguns membros da família FB. A frequência de uso de *tu* e *você* parece estar associada aos traços individuais de cada autor, pois o comportamento dos remetentes da amostra não é uniforme, visto que alguns adotam um subsistema tratamental mais inovador (o *paradigma híbrido* atual) e outros, por outro lado, ainda empregam formas que eram frequentes em fins do século XIX e início do XX.

Em termos objetivos, o padrão canônico *tu-te-ti-contigo*, mais conservador, ficou patente nas cartas da matriarca da família (E) e as formas *você-o-lhe-com você* prevaleceram nas cartas do pai (W). A primeira (a esposa) pertencia a redes sociais mais densas do que o segundo (o marido). Diferentemente dos pais, a filha (A) -- a protagonista mais jovem da amostra, uma “cidadã do mundo” pertencente a redes mais difusas -- adota o *padrão híbrido* e já vigente no português falado atualmente no Rio de Janeiro.

Foi possível comprovar que o comportamento linguístico mais ou menos inovador de alguns indivíduos parece ser consequência do pertencimento a redes sociais mais ou menos abertas e não ao que habitualmente se detecta em um grupo social concreto do período em análise. Os aspectos biográficos dos remetentes-destinatários, detectados a partir da análise de pistas textuais das próprias cartas analisadas, se mostraram relevantes para a análise das estruturas prototípicas da rede (*unidas vs. soltas; laços fracos vs. fortes*) de cada membro da família FB, favorecendo, assim, seus usos linguísticos em termos das escolhas tratamentais, conforme defendem Bell (1984); Moreno Fernández (1998); Schilling-Estes (2002)-(apud Conde Silvestre, 2007).

Estudos posteriores com novos materiais a serem descobertos e editados podem ajudar a confirmar essa linha de interpretação fundamentada no controle das redes sociais de cada indivíduo.

Referências

BARBOSA, Afrânio Gonçalves. Tratamento dos corpora de sincronias passadas da língua portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. In: LOPES, Célia Regina dos Santos (Org.). *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século XIX*. Rio de Janeiro: UFRJ, FAPERJ, 2005. p. 25-43.

BERGS, A. Social networks and historical sociolinguistics: Studies in morphosyntactic variation in the Paston letters (1421–1503). *Language in Society*, v. 37(2), 2005. p. 316-317.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. (Ed.). *Style in language*. Cambridge: MIT Press, 1960. p.253-276.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid, Gredos, 2007.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan; CONDE SILVESTRE, J. Camilo. *The Handbook of Historical Sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. Oralidade y escrituralidad a luz de la Teoria del Lenguage. In: *Lengua Hablada en La Romania: español, francés, italiano*. Madrid; Editorial Gredos, 2007. p. 20-42.

KOCH, Peter. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento vuestra merced en español. In: Kabatek, Joahnnes. *Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico: Nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas*. Iberomaricana/Vervuert, Madrid/Frankfurt, 2008.

LOPES, C.R.S.; MARCOTULIO, L. L.; OLIVEIRA, T. L. Forms of address from the Ibero-Romance perspective: A brief history of Brazilian voceamento. In: Célia Lopes; Martin Hummel. *Address in Portuguese and Spanish: Studies in Diachrony and Diachronic Reconstruction*. 1ed. Berlin, Boston: De Gruyter, 2020. p. 111-154.

LOPES, Célia Regina dos Santos *et al.* A reorganização no sistema pronominal de 2a. Pessoa na história do português brasileiro: outras relações gramaticais. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1ed.São Paulo: Editora Contexto: 2018. v. 4, p. 106-189.

LOPES, Célia Regina dos Santos; SOUZA, Janaína Fernandes. Formas de tratamento em cartas do Rio de Janeiro. In: Célia Regina dos Santos Lopes. (Org.). *História do português brasileiro: mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. 1ed.São Paulo: Editora Contexto, 2018. v. 4, p. 46-67.

MILROY, J. *Linguistic variation and change*. Oxford: Blackwell: s.n., 1992.

MILROY, L., Milroy, J. Social network and social class: Toward an integrated sociolinguistic model. *Language in Society*, 21(1), 1-26.: s.n., 1992.

NEVALAINEN, Terttu. ‘What are historical sociolinguistics?’ *Journal of Historical Sociolinguistics*, v.1, n. 2, p. 243–269. 2015. <https://doi.org/10.1515/jhsl-2015-0014>

OLIVEIRA, T. L. *Entre o linguístico e o social: complementos dativos de 2ª pessoa em cartas cariocas (1880-1980)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=177523

RUMEU, M. C. B. *A implementação do Você no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel*. 2008, 276 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, Márcia Cristina de Brito; CALLOU, Dinah Maria Isensee. A implementação do você no português brasileiro: evidências da língua escrita, *Sintaxe diacrônica*, v. 22, p. 192-211. 2021. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/issue/view/3180>

SOUZA, C. D. *Eu te amo, Eu lhe adoro, Eu quero você: a variação das formas acusativas de 2ª pessoa em cartas pessoais (1880-1980)*. 2014. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014. https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1310348

SOUZA, Janaina Pedreira Fernandes. *Mapeando a entrada do Você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX*. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.

TIEKEN - BOON VAN OSTADE, I. Social network analysis and the history of English. *European Journal of English Studies*, v. 4, n. 3, p. 211-16. 2006. [10.1076/1382-5577\(200012\)4:3;1-S;FT211](https://doi.org/10.1076/1382-5577(200012)4:3;1-S;FT211)

